



**Pró-Reitoria Acadêmica
Escola de Educação, Tecnologia e Comunicação
Curso de Jornalismo
Trabalho de Conclusão de Curso**

**REFORÇO DE ESTEREÓTIPOS SOBRE A BISSEXUALIDADE
NO DISCURSO DO PROGRAMA CASOS DE FAMÍLIA**

**Autora: Gabriele Luiza Barros
Orientadora: Profa. Dra. Sheila da Costa Oliveira**

**Brasília - DF
2017**

GABRIELE LUIZA BARROS

**REFORÇO DE ESTEREÓTIPOS SOBRE A BISSEXUALIDADE NO DISCURSO DO
PROGRAMA CASOS DE FAMÍLIA**

Estudo apresentado ao curso de graduação em
Jornalismo da Universidade Católica de
Brasília, como requisito parcial para a
obtenção do Título de Bacharel em Jornalismo

Orientador: Profa. Dra. Sheila da Costa
Oliveira

Brasília
2017

As minhas irmãs Samanta e Sabrina pelo privilégio de escutarem e reproduzirem as minhas inconstantes descobertas. Aos meus pais que na intolerância, me ensinaram a ser tolerante. E, por último, aos bissexuais, por não desistirem do que são frente as adversidades.

Este trabalho, “(...) pode não ser uma janela para o mundo, mas é certamente um periscópio sobre um oceano do social.”

Antônio Abujamra

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
1.1 OBJETIVO GERAL	9
1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	9
1.3 JUSTIFICATIVA	9
2. METODOLOGIA	12
3. TEORIA <i>QUEER</i>	15
3.1. <i>QUEER</i> NOS PRODUTOS MUDIÁTICOS.....	17
4. BISSEXUALIDADE	24
5. ESTEREÓTIPOS	27
6. TELEVISÃO	33
6.1. PROGRAMAS DE AUDITÓRIO	34
6.2. TALK SHOW	35
6.3. MUDANÇA DE FORMATO.....	36
6.4. REALITY SHOW	37
7. PROGRAMA CASOS DE FAMÍLIA	40
8. ANÁLISE DO DISCURSO	42
9. CONCLUSÃO	48
REFERÊNCIAS	49

RESUMO

BARROS, Gabriele Luiza. **Reforço de estereótipos sobre a bissexualidade no discurso do programa Casos de Família**. 2017. Monografia (Jornalismo). Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2017.

Este trabalho evidencia estereótipos no campo da antropologia, psicologia, ciências sociais e comunicação social introduzidos no discurso da âncora Christina Rocha e a psicóloga Anahy D'Amico, a frente do programa Casos de Família, transmitido pelo Sistema Brasileiro de Televisão (SBT). A análise do discurso, proposta por Bakhtin, é a ferramenta metodológica utilizada para elucidar, através do discurso, o reforço de estereótipos sobre a bissexualidade, no campo da linguagem heteronormativa binária. O objetivo deste estudo é propor a desconstrução do discurso estereotipado partindo do referencial teórico da Epistemologia da Bissexualidade em convergência com a Teoria *Queer*.

PALAVRAS-CHAVE: estereótipos, comunicação social, análise do discurso, bissexualidade, Casos de Família, Teoria *Queer*, Epistemologia, linguagem.

ABSTRACT

This work shows stereotypes in the field of anthropology, psychology, social sciences and social communication introduced in the discourse of anchor Christina Rocha and psychologist Anahy D'Amico, the front of the Family Cases program, transmitted by the Brazilian Television System (SBT). Bakhtin's discourse analysis is the methodological tool used to elucidate, through discourse, the reinforcement of stereotypes about bisexuality in the field of binary heteronormative language. The objective of this study is to propose the deconstruction of the stereotyped discourse starting from the theoretical reference of the Epistemology of Bisexuality in convergence with the Queer Theory.

KEY WORDS: stereotypes, social communication, discourse analysis, bisexuality, Family Cases, Queer Theory, Epistemology, language.

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo trata de dois temas bastante controversos em si mesmos: estereótipos e bissexualidade, visando identificar se há reforço de estereótipos a respeito da bissexualidade em programas televisivos da televisão aberta brasileira. Para isso, foi feita a análise de discurso de um episódio específico do Programa Casos de Família intitulado: *Não sou gay, só fico com homens porque é deselegante recusar um convite*, transmitido em 12 de outubro de 2016 pelo Sistema Brasileiro de Televisão (SBT). O episódio aborda o tema bissexualidade, portanto, a análise do discurso, neste trabalho, está centrada em encontrar pontos onde a bissexualidade é retratada de maneira estereotipada nas falas da âncora Christina Rocha e da especialista, a psicóloga Anahy D'Amico.

Os objetivos deste estudo estão voltados a diagnosticar a presença de estereótipos e como eles funcionam na construção do discurso midiático do programa Casos de Família. Posteriormente, os apontamentos podem revelar a presença de uma matriz heteronormativa que não é capaz de romper com o conceito binário de gênero e sexualidade. Dessa maneira, conceitos permeados no âmbito da teoria *Queer* e da teoria epistemológica da bissexualidade irão propor a desconstrução do discurso heteronormativo.

Segundo Sara Salih (2002, n.p.), em análise às obras de Judith Butler, “os signos linguísticos são citacionais”, ou seja, é produzida uma identidade através do reforço de uma ideia. É a partir desses signos, segundo Butler (1999), que o discurso heteronormativo se apresenta como opressor. Lewis (2012), também em análise as obras de Butler, afirma que o gênero não é movido apenas pela performatividade, mas também através de restrições. Essa restrição, como afirma Butler (1999 apud SALIH, 2002, n.p.) “É realizada com o objetivo estratégico de manter o gênero em sua estrutura binária”.

A estruturação binária é denominada por Butler (1999) como “matriz heteronormativa”, a qual vai determinar que o construto de gênero deriva do sexo biológico:

“A heterossexualização do desejo requer e institui a produção de oposições discriminadas e assimétricas entre “feminino” e “masculino”, em que estes são compreendidos como atributos expressivos de “macho” e de “fêmea”, enquanto o rompimento da binaridade heteronormativa propõe que o gênero independe do sexo e, por consequência, não deriva do mesmo”. (Butler 1999 apud LEWIS, 2012. p. 54).

Além do mais, segundo Lewis (2012), a matriz heteronormativa vai pensar o desejo sexual como uma construção baseada no sexo biológico oposto, ou seja, em desejo heterossexual.

Em consequência, o discurso heteronormativo elucida a concepção da matriz heteronormativa. O discurso se apropria da linguagem citacional que, segundo Butler: “funciona pela dissimulação de sua citacionalidade e de sua genealogia, apresentando como atemporais e singulares, enquanto, a performatividade, de forma similar.” (Butler, 1999 apud SALIH, 2002. n.p.)

Os estereótipos sobre a bissexualidade são construídos através da matriz heteronormativa que não reconhece gêneros e sexualidades que transcendem os binários heterossexual/homossexual e homem/mulher. Dessa maneira, este estudo aprofunda-se nas reflexões acerca do discurso heteronormativo presente no episódio do Programa Casos de Família e um questionamento é lançado: **De que maneira o discurso heteronormativo apresentado no Programa Casos de Família pode ser desconstruído partindo dos conceitos de gênero e sexualidade propostos pela teoria *Queer* e pela teoria epistemológica da bissexualidade?**

1.1 OBJETIVO GERAL

- Analisar o discurso do programa Casos de Família a fim de evidenciar elementos estereotipados sobre a bissexualidade no âmbito da epistemologia da bissexualidade e a teoria *Queer* com o intuito de desconstruir a matriz heteronormativa diagnosticada no objeto de análise.

1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar a presença da matriz heteronormativa no discurso.
- Formular, com base na teoria *Queer*, uma solução que caminhe para a desconstrução do conceito de bissexualidade presente na matriz heteronormativa.

1.3 JUSTIFICATIVA

A análise do discurso é a maneira de elucidar conceitos através de uma construção textual dos meios de comunicação de massa. Segundo Carvalho (2013), o principal objetivo da análise do discurso é trazer à tona elementos que não são facilmente notados a fim de evidenciar as intenções que, posteriormente, revelam a maneira como foi construído e a maneira como é reforçado conceitos presentes no discurso dentro da ciência da comunicação social, “Tem-se uma infinidade de elementos a serem observados nas narrativas difundidas diariamente pelos meios de comunicação.” (CARVALHO, 2013. p. 7).

O jornalismo é produtor de sentidos, sendo assim, a análise do discurso funciona como ferramenta que vai mostrar evidentemente os significados construídos dentro do discurso jornalístico e, especificamente, midiático. Segundo Carvalho (2013), a análise do discurso é um método bastante eficaz para o estudo de textos e se adequa ao jornalismo e a comunicação por fazer parte de uma construção e adaptação midiática. “Trata-se de uma proposta de estudo que liga o pesquisador ao receptor da mensagem a partir da qual se estabelece uma relação monológica, onde o pesquisador imagina o que o receptor compreende sobre o discurso.”. (CARVALHO, 2013. p. 7). E, ainda segundo Carvalho, a análise não se restringe somente ao que o receptor compreende, mas também a maneira como é construída a dinâmica onde o discurso se insere.

Portanto, a análise do discurso é um fator importante para a comunicação social e também para o jornalismo pois, consiste, segundo carvalho, em uma reprodução editada de uma realidade que é compreendida pelo receptor que busca referências para dar significado ao discurso.

Mesmo a imagem televisionado não é a própria realidade, mas o resultado da captura de imagens de alguns poucos momentos, pequenos fragmentos de um acontecimento que serão compilados ou editados, de modo que possam ser reproduzidos e assistidos por indivíduos como se fossem o espelho da própria realidade. (CARVALHO, 2013. p. 9)

Carvalho (2013), afirma que o jornalismo como ciência não conquistou ainda sua independência legítima de outras áreas científicas. Isso tem surtido efeito nas publicações de trabalhos acadêmicos que se apropriam de métodos alternativos para estudar elementos presentes nas diferentes categorias do jornalismo. A análise

do discurso, como objeto científico da linguística, é uma dessas apropriações que servem para conceituar e evidenciar sentidos atribuídos ao conteúdo textual jornalístico e da comunicação em geral.

A AD faz parte desta tentativa semiológica de interpretar o mundo através da comunicação, oferecendo mecanismos para a sua compreensão não apenas como método de coleta e análise de dados, mas ao definir a maneira como o trabalho é realizado, constitui-se também como uma proposta metodológica que se consolida como base conceitual e teórica para os estudos. (CARVALHO, 2013. p. 2).

Ormaneze **(s.d.)** afirma que, a análise do discurso tem grande importância para o jornalismo pois, é a partir da atribuição de sentidos textuais dentro do campo midiático que o conceito de ideologia é elucidado através da análise.

Portanto, por intermédio da análise do discurso é possível diagnosticar, por exemplo, a presença de estereótipos (objetivo deste estudo). Este diagnóstico possibilitará a desconstrução do discurso estereotipado, visando interagir com conceitos científicos para atribuir sentidos sólidos aos elementos evidenciados pelo discurso do programa Casos de Família, objeto de análise.

2. METODOLOGIA

Antes de abordar a análise de discurso como ciência e metodologia, é importante que o conceito de discurso seja compreendido. O discurso, segundo Orlandi (2007, p.15), é a maneira como a linguagem se manifesta no sujeito, “é a prática da linguagem” que, quando objeto de análise, dá o sentido ao discurso. Esse sentido é parte de uma análise que não engloba tão somente o discurso, mas sim, o contexto e a realidade onde ele se insere: “Essa mediação, que é o discurso, torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive” (ORLANDI, 2007. p. 15). Constata-se que, ainda segundo Orlandi, na dinâmica do discurso a relação entre locutores é o que vai atribuir sentido ao próprio discurso, pois “As relações de linguagem são relações de sujeitos e de sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados.” (ORLANDI, 2007. p. 21).

Dessa maneira, em análise ao discurso do episódio do programa Casos de Família, em que o tema bissexualidade é o objeto explicitado, é necessário que haja um entendimento sobre o contexto onde o programa está inserido e também em que contexto teórico está inserido o tema bissexualidade.

Segundo Orlandi, a análise do discurso como objeto científico teve início na década de 1960 na França e esse período já começa a direcionar os seus estudos com base na linguagem como produtora de sentido, “A questão que ela coloca é: como este texto significa?” (ORLANDI, 2007. p. 18), **e a resposta para o questionamento da análise está centrada no texto do discurso e na projeção simbólica que ele representa.**

Mendes e Costa (s.d.) trazna concepção Bakhtiniana do discurso na comunicação, o conceito de “signo ideológico”. O significado de ideológico, na perspectiva Bakhtiniana, trata-se de algo que se percebe no contexto social e que é refletido em um outro contexto. Entretanto, o signo corresponde ao objeto que já possui “valor ideológico”, e está presente também no contexto, porém, pode possuir carga significativa diversa levando em consideração diferentes perspectivas sociais, “Por constituir um fragmento material da realidade, a significação do signo pode ser reconhecida considerando as suas diversas interpretações conforme as respectivas situações de produção.” (COSTA, et al. s.d. p. 4).

O significado ideológico proposto por Bakhtin (2003), é inserido na análise do discurso do programa Casos de Família, quando dois contextos são colocados no mesmo aspecto ideológico, sendo eles: a **ficção e a realidade**. A ficção: proposta pelos gêneros televisivos, em específico a dinâmica de *Talk Show*, programas de auditório e a simulação de um ambiente dentro da proposta dos *Reality Shows* e realidade: bissexualidade sob a perspectiva *Queer* e epistemológica dos estudos de sexualidade. Os dois contextos tratados de maneira individualizada produzem o sentido ideológico que, quando confrontados, como na análise de discurso do episódio, produzem o signo.

O método de análise de conteúdo utilizado por este trabalho de pesquisa foi proposto pelo estruturalista Z.Harris na década de 1950. A técnica é chamada de isomorfismo e consiste na redução do texto a uma frase extensa utilizando o mesmo método se a análise fosse feita em frases curtas. A última etapa do processo é o que Orlandi denomina como: “análise linguística” do texto.

De acordo com Orlandi (2007), é importante traçar o panorama da análise discursiva. Esse panorama tem como premissa: a língua que transparece o conceito de sujeito e de contexto na análise da própria linguagem; a história na qual os fatos e o sentido que eles representam são abordados; o sujeito que discursa e que através do inconsciente estabelece relações entre ideologia, linguagem e história.

M.Pêcheux (1990) afirma que, a descrição dos pontos na análise do discurso é um campo aberto a interpretação e, completa: “Ele é sempre suscetível de ser/tornar-se outro”. Orlandi (2007) complementa que nessa relação do discurso interpretativo considera-se o interdiscurso, ou seja, um discurso construído sob outro discurso, “(...) aí pode haver ligação, identificação ou transferência, isto é, existência de uma relação abrindo a possibilidade de interpretar.” (ORLANDI, 2007. p.59).

Para elucidar a interpretação discursiva, Orlandi (2007) evidencia a maneira como o analista descreve a interpretação do sujeito que discursa:

- a. em um primeiro momento, é preciso considerar que a interpretação faz parte do objeto de análise, isto é, o sujeito que fala interpreta e o analista deve procurar descrever esse gesto de interpretação do sujeito que constitui o sentido submetido à análise.
- b. em segundo momento, é preciso compreender que não há descrição sem interpretação, então o próprio analista está envolvido na interpretação. Por isso é necessário introduzir-se um dispositivo teórico que possa intervir na relação do analista com os objetos simbólicos que analisa, produzindo um deslocamento em sua relação de sujeito com a interpretação: esse deslocamento vai permitir que ele trabalhe no entremeio da descrição com a interpretação. (ORLANDI, 2007. p. 60)

Para os fins deste trabalho de pesquisa, a descrição será feita a partir do discurso da âncora Christina Rocha e da especialista psicóloga Anahy D'Amico, como o que o autor denomina de “objeto de análise”. O sentido submetido a análise está centrado no reforço de estereótipos atribuídos ao discurso heteronormativo dado ao tema bissexualidade no programa. O discurso heteronormativo, neste caso, desempenha o papel do “outro discurso” onde o discurso da âncora e da especialista se sobrepõem, utilizando a técnica do interdiscurso. Os dispositivos teóricos trabalhados na análise do discurso do programa Casos de Família no episódio “Não sou gay, só fico com homens porque é deselegante rejeitar um convite” estão fundamentados no estudo da sexualidade e do gênero propostos pela teoria *Queer* e, especificamente, pela teoria epistemológica da bissexualidade.

O recorte do episódio *Não sou gay, só fico com homens porque é deselegante rejeitar um convite* foi feito através de uma análise de cinco episódios do ano de 2016 que tratam sobre sexualidade no Programa Casos de Família: *Acho que meu marido é gay* (transmitido em: 16 de novembro); *Acho que minha mulher é lésbica* (transmitido em: 30 de novembro); *Você fala que gosta de mulher porque não aceita ser gay* (transmitido em: 20 de abril); *Sua esposa só precisa de bigode 'pra' ser macho* (transmitido em: 31 de outubro) e *A maioria dos seus amigos 'é' gay, tá esperando o quê 'pra' sair do armário?* (Transmitido em: 14 de setembro). Esses episódios foram desconsiderados da análise, pois não tratavam discursivamente do tema bissexualidade, mas sim da homossexualidade.

O programa pautou o assunto “sexualidade”, no ano de 2015, em 29 episódios diferentes. Enquanto no ano de 2016, o tema foi abordado em 17 episódios. É importante ressaltar que, apesar de o tema “sexualidade e gênero” ser apresentado constantemente pelo programa, trata-se apenas da homossexualidade feminina e masculina. A bissexualidade foi retratada apenas uma vez, e é objeto desta análise.

3. TEORIA *QUEER*

A Teoria *Queer* passou a ser desenvolvida no fim da década de 1980 por pesquisadores e ativistas (COLLING, L. 2012. p.1). O termo *Queer* aparece em 1990, quando a professora Teresa De Lauretis pronunciou pela primeira vez a expressão *Queer* como sendo uma resistência ao sentido preconceituoso e difamatório da palavra que caracteriza gays e lésbicas norte-americanos. “A expressão “queer” constitui uma apropriação radical de um termo que tinha sido usado anteriormente para ofender e insultar, e seu radicalismo reside, pelo menos em parte, na sua resistência à definição - por assim dizer - fácil.” (SALIH, Sara. 2016. p. 19)

O *Queer* surge através dos estudos feministas de Judith Butler - uma das principais teóricas da sexualidade e performatividade de gênero - e Eve Sedgwick, que passaram a fundamentar pesquisas científicas relacionadas ao construto do gênero e da sexualidade. O discurso feminista, principalmente de Butler, simboliza o rompimento da estabilidade identitária categórica dos sujeitos que corresponde à representação teórica do estruturalismo francês.

A Teoria *Queer* se posiciona de maneira contrária à sexualidade que se integra numa visão social identitária. Ou seja, a sociedade, neste caso, é quem determina e rotula as sexualidades e a maneira como elas se manifestam no sujeito, como elas são vividas por ele,

Esses questionamentos surgem como forma de pensar contra o discurso hegemônico social em que se elegem protótipos de pessoas, classificando-as e atribuindo a elas características e significados representativos, com o intuito de estabelecer um padrão de imagem capaz de promover um consenso entre pessoas e grupos sociais, fortalecendo, assim, uma espécie de hegemonia dos papéis sexuais. (FIDALGO, M. D. 2013. p. 26)

Os conceitos que fundamentam a Teoria *Queer* partem da premissa que consiste em ir contra as normas impostas culturalmente pela sociedade. O indivíduo *Queer* é aquele que, com base numa construção cultural e histórica, abrangendo todo um contexto de experiências, se identifica como um sujeito fora dos parâmetros heteronormativos. Ainda segundo a teoria, as pessoas estão em constante modificação, não se pode defini-las ou estruturá-las, pois são seres inconstantes e temporários. “Ainda que haja variações entre os diversos autores, é possível afirmar

que o sujeito no pós-estruturalismo é sempre encarado como provisório, circunstancial e cindido” (HALL, 2006). Jacques Derrida, autor francês, com grande importância e relevância para a Teoria *Queer*, afirma que as identidades só podem ser estudadas através de pontos que as classifiquem como algo em constante mutação e que foge dos parâmetros de estabilidade.

Já segundo Salih (2002), em análise ao livro *Bodies That Matter* (1993) de Judith Butler, a identidade sexual é atribuída à genitália desde a ultrassonografia do bebê em formação uterina. Butler critica a nomeação, como sendo um elemento que vai impor a norma. Ainda segundo a autora, o bebê deixa de ser “neutro” para assumir uma identidade que surge no momento em que um sexo é anunciado, até o momento em que se nomeia a criança “(...) nós, como sujeitos, não criamos ou causamos as instituições, os discursos e as práticas, mas eles nos criam ou causam, ao determinar nosso sexo, nossa sexualidade, nosso gênero.” (SALIH, 2002. n.p.). Butler afirma que a construção das sexualidades e a diferença entre elas serão percebidas e instauradas através da performatividade no discurso. A sociedade, através do discurso, define a sexualidade e o gênero do sujeito com base na “matriz heterossexual” binária categorizada por homem/mulher, macho/fêmea e ele/ela (SALIH, 2002. n.p.).

Assim como a sexualidade nasce do construto da performatividade, o gênero também é parte de uma categoria presente no discurso. Para Judith Butler, o gênero não tem começo e fim “de modo que é algo que fazemos e não algo que somos” (BUTLER. 1993. n.p.). O gênero como performativo é atribuído à maneira como o indivíduo age e copia identidades na sua noção daquilo que é original,

Portanto, o gênero se faz do contexto e da observação performática daquilo que representa o sujeito e, isso significa, entretanto, que o gênero não é determinado no nascimento e tampouco seria possível, pois, é através do contexto e da situação histórica do indivíduo que ele se manifesta. O gênero não acontece de uma vez por todas quando nascemos, mas é uma sequência de atos repetidos que se enrijece até adquirir a aparência de algo que esteve ali o tempo todo”. (SALIH. 2016 p. 94).

O gênero, segundo Guacira Louro (1997, p.8), não exclui a definição biológica do sexo, pois se concretiza “sobre corpos sexuados”. Porém, em contrapartida, entende-se que o sexo, assim como define Butler, é um construto social e histórico,

em consequência das relações sociais. “A pretensão é, então, entender o gênero como constituinte da identidade dos sujeitos”.

O sexo, assim como o gênero, é o reconhecimento e o “fazer” do sujeito sobre uma construção social da qual ele já faz parte. Dessa forma, a definição de gênero, para a Teoria *Queer* de Judith Butler, é fundamentada através da ação do sujeito, ação essa que está sempre ocorrendo de maneira inevitável. Além do mais, o gênero não é um processo natural e também não possui necessariamente relação com o corpo, assim como a sexualidade não é definida por parâmetros biológicos. “Dessa maneira, será possível determinar um corpo feminino que não exhibe traços femininos (...). É possível ser uma fêmea masculina ou um macho feminino.” (SALIH 2002, **n.p.**).

Na relação entre gênero e sexualidade, o gênero é independente e a sexualidade é dependente do gênero, “não há sexo que já não seja gênero” (SALIH 2002, **n.p.**). Embora os conceitos entre sexualidade e gênero sejam indissociáveis e os construtos que os fundamentizam estejam sob o mesmo campo de estudo da performatividade, o primeiro trata-se do desejo e o segundo da ação comportamental.

João Manuel de Oliveira, no texto: *Orientação Sexual e Identidade de Gênero na psicologia: notas para uma psicologia lésbica, gay, bissexual, trans e queer* (2010), vai determinar que a sexualidade é a manifestação do desejo sexual, emocional e amoroso por outros indivíduos. A sexualidade é constituída, segundo Louro (1997), na maneira como o indivíduo se relaciona com os seus desejos, “Suas identidades sexuais se constituiriam, pois, através das formas como vivem sua sexualidade, com parceiros/as do mesmo sexo, do sexo oposto, de ambos os sexos ou sem parceiros/as.” (LOURO, 1997. p 9). Além do mais, mantendo a relação com o gênero, a sexualidade é construída através da identificação do sujeito em diversos gêneros que transcendem a esquematização binária entre masculino e feminino.

3.1. QUEER NOS PRODUTOS MIDIÁTICOS

Ativistas LGBT passaram a ocupar as rádios com as *Queer radios*, na tentativa de desmitificar estereótipos acerca da população gay, lésbica, transexual e bissexual, primordialmente. Essas *Queer rádios*, segundo Johnson (2010. p. 319)

vão se consolidar através de grupos de ativistas descontentes com a discriminação contra LGBTs na radiodifusão na década de 1960.

Segundo Fagner dos Santos (2015), o *Queer* foi mencionado na rádio pela primeira vez na década de 1950, pela emissora KPFA – FM, em São Francisco – CA, que transmitiu a leitura do poema *Howl* de Allen Ginsberg, “que revela atitude liberal em relação à sexualidade, marcando um dos primeiros sinais da presença gay na transmissão radiofônica no país.” (FAGNER DOS SANTOS, 2015. p. 251).

Ainda segundo Fagner dos Santos, após a revolução de *Stonewall*¹ em 1969, grupos de militância LGBTQ+ passaram a emergir no cenário social. A partir deste momento, passaram a surgir emissoras de rádio que abordavam especificamente questões relacionadas ao *Queer*, como por exemplo, *This Way Out: the international gay e lesbian Radio Magazine* (TWO), estreado em Los Angeles 1988, e que fornecia informações e notícias de utilidade pública a comunidade LGBTQ+.

No Brasil, o primeiro programa de rádio a dedicar seus conteúdos exclusivamente a comunidade LGBTQ+ foi a *FM Gay*, transmitida pela primeira vez em 1996, dentro da boate *Le Boy*, no Rio de Janeiro, pela emissora Imprensa 102,1 FM. Em Heliópolis, São Paulo, foi transmitido o programa *Tarde do Babado* desde 1997, nos fins de semana da rádio comunitária da zona sudoeste. O programa era apresentado pela *Drag Queen* Gerô Barbosa e Nana Brasil. As pautas da *Tarde do Babado* eram especificamente com o intuito de combater o preconceito e os estereótipos, além de promover debates sobre a diversidade sexual e de gênero.

Em 2011, outro programa de rádio com a temática *Queer* foi integrada a programação, agora Gaúcha, da rádio Ipanema 94,9 FM, através do *Programa Gay* “mediado por cinco apresentadores: dois gays, duas lésbicas e uma transexual. Vitor Xavier, Nanni Rios, ValeriaHouston, Júlia Franz e Lucas Mello.” (FAGNER DOS SANTOS, 2015. p.258). A temática do programa mesclava pautas de cultura – como a divulgação de eventos, por exemplo –, com discussões sobre sexualidade e direitos humanos.

¹ Manifestação de ativistas LGBT contra-ataques invasores da polícia de Nova York ao bar *Stonewall Inn* em 28 de junho de 1969. O bar era majoritariamente frequentado por homossexuais.

No cinema, a temática *Queer* se consolida através do *new queercinema* que surge como uma vertente que nomeava os filmes apresentados no *Sundance Film Festival* na década de 1990, e que traziam em suas narrativas conceitos de gênero e sexualidade *Queer*. Segundo Chin (2002), os precursores do *new queer* foram os filmes: *A Mala Noche* (1985) dirigido por Gus Van Sant e *As Olimpíadas de Bill Sherwood* (1986), “Both films had only limited releases, but were nevertheless enormously successful critically.”(CHIN. 2002. p. 1) O *new queer cinema* é um movimento que marca, especificamente, as discussões sobre gênero e sexualidade que estavam sendo intensificadas no contexto da década de 1980 nos Estados Unidos e no Reino Unido.

Se não podemos afirmar com certeza que os filmes do *new queer cinema* influenciaram todo um cinema *queer* ao redor do mundo, é fato que, ao menos eles criaram uma tendência que permitiu a proliferação de uma produção que desafiou cada vez mais as sexualidades dominantes. (MURARI; NAGIME, 2016).

Murari e Nagime (2016) afirmam que, a partir da década de 1990, emergiu uma nova categoria de cineastas que passaram a englobar mais precisamente o *Queer* nas narrativas cinematográficas. Pedro Almodóvar, cineasta espanhol, por exemplo, embora já abordasse temas fora da “normalidade” na década de 1980, somente em 1990 passou a se reinventar no *Queer*.

No filme *Tudo sobre minha mãe* de 1999, Pedro Almodóvar retrata a paixão de duas mulheres, as personagens Manuela - interpretada por Cecilia Roth e Rosa - interpretada por Penélope Cruz, pela travesti Lola - interpretada por Toni Cantó. A narrativa explora o que Leandro Rodrigues (2011. p. 35) caracteriza como: “inversão total dos modelos sacramentados da tradição cristã”. Um outro exemplo, na mesma época, explicitado por Murari e Nagime (2016), é o filme *Quero ser John Malkovich* de 1999, dirigido por Spike Jonze. Trata-se de um filme surrealista, onde a personagem Lotte - interpretada por Cameron Diaz, entra no corpo do ator John Malkovich - interpretado por ele mesmo, e passa a controlar seus movimentos e suas ações. Neste instante ela descobre sua transsexualidade, no momento em que passa a se identificar e se habituar ao corpo do ator. “O grande destaque do filme é John Malkovich, não só interpretando Malkovich, o ator, mas também as várias versões de Malkovich, à medida que outras pessoas assumem seu corpo.” (MURARI; NAGIME. 2016. p. 79)

Ainda no contexto do *new queer cinema*, irão surgir teóricos que vão criticar a maneira como as sexualidades, principalmente homossexual masculina e feminina, são retratadas nas narrativas de diversas produções da época. Segundo Robert Stam (2003), arquétipos homofóbicos, como: “a bicha desmunhecada, o psicopata gay, a vampira lésbica,” eram comumente abordados pelos filmes da época. Ainda segundo Stam (2003), esses arquétipos gays e lésbicos eram retratados de maneira que atribuísse “normalidade” ao heterossexual.

O *new queercinema*, além de ser inspirado pelas discussões que permeiam os estudos científicos *Queer*, era uma construção onde o movimento artístico *camp* tem muita influência.

O *camp*, segundo Colling (2012), pode estar internalizado através da estética que, segundo Lopes (2002), se configura como: brega ou *kitsch*. Além de estar situado no âmbito das performances artísticas. Nessa perspectiva performática, o *camp* desempenha um papel importante na planície da não-normatividade “*Camp* é uma visão de mundo em termos de estilo peculiar. É a predileção pelo exagerado, por aquilo que está “fora”, por coisas que são o que não são” (SONTAG, 1987. n.p.), e, ainda segundo Sontag (1987), subverte a ideia de desejo sexual quando acentua aspectos femininos no corpo masculino e aspectos masculinos no corpo feminino “consiste em ir contra a corrente do próprio sexo”, (SONTAG, 1987. n.p.).

No âmbito das telenovelas brasileiras, surgem produções que exploram o *Queer* diante de uma perspectiva analítica diferente das produções explicitadas dentro do movimento *new queer cinema*. Segundo Nascimento (et al, 2017. p. 4),

outro levantamento feito por Silva (2015) aponta que 62 novelas da Globo trouxeram personagens gays em suas narrativas entre os anos de 1970 e 2013. Contudo, o fato de esses personagens estarem presentes nos enredos novelísticos não significa que a classe LGBT tenha sido representada com eles.

Segundo Juliana Bravo (2017, n.p.), as telenovelas retratam: “um corpo-mentira, uma imagem falsa coerente aos propósitos de regulatórios dos gêneros e sexualidades na televisão, no qual, seus verdadeiros significados estavam nos discursos ocultos que seu corpo imprime”.

Bravo (2017), crítica o campo heteronormativo explorado pelas telenovelas. Segundo a autora, os “corpos *queer*” são limitados a um espaço específico,

enquanto os “corpos heteronormativos” transitam em vários espaços dentro das narrativas. Bravo (2017) traz à tona um exemplo atual que reforça a matriz heteronormativa das sexualidades dos “corpos *queer*”. A novela *Império*, transmitida pela Rede Globo de televisão em 2014/15, dirigida por Rogério Gomes, trazia ao enredo a personagem Xana Summer, interpretada por Ailton Graça. Ainda segundo Bravo (2017), a personagem é retratada como travesti até um certo ponto da trama, logo depois, passou a ser compreendida pelo público como *crossdresser*.²

Essa mudança ocorre, pois, a personagem se apaixona por sua colega de trabalho. Desta maneira, o corpo travesti se transforma em corpo masculino e uma relação de amor heterossexual é retratada

Essa personagem, particularmente, imprimiu na TV brasileira os prejuízos e os processos de construção heteronormativo que se impõe aos corpos quando estes não são passíveis de definição, quando estes são duvidosos. (BRAVO, Juliana. 2007. n.p.)

Em contrapartida, na novela *Em Família*, transmitida pela Rede Globo em 2014, é possível perceber a subversão da heteronormatividade forçada presente na personagem Xana Summer da novela *Império*. *Em Família* trazia uma das partes do enredo, o relacionamento abusivo e conturbado vivido pela personagem Clara interpretada pela atriz Giovanna Antonelli e Fernando, interpretado por Leonardo Medeiros.

A relação entre os dois personagens é de extremo desrespeito, distanciamento e falta de conexão. Em meio à crise no casamento, Clara nutre uma amizade pela personagem, assumidamente lésbica Marina, interpretada por Tainá Müller. Dessa amizade entre as personagens, surge um desejo sexual e amoroso recíproco que se inicia antes mesmo da separação entre Clara e Fernando. Ao fim da trama, as personagens Clara e Marina se casam.

Ainda no campo da televisão, os seriados estadunidenses atuais têm explorado a diversidade de sexualidades sob inúmeros aspectos e ambientes. É possível notar, segundo Sarmet e Baltar (2016), que nos seriados voltados ao público adolescente, pelo menos um personagem se identifica em um sexo/gênero/sexualidade *Queer*.

A série *The Fosters* (2013), criada por Peter Paige e Brad Bredeweg, explora diversos personagens que se identificam como transsexuais, bissexuais e

² Indivíduos que fazem performance e se vestem do gênero oposto ao que se identifica.

homossexuais. O personagem Jude Jacob, interpretado por Hayden Byerly, é um garoto homossexual de 13 anos. A construção narrativa através desse personagem retrata desde o desenvolvimento do gênero até os desejos sexuais e afetivos por pessoas do mesmo sexo/gênero. “O que parece é que estamos diante de uma nova temporalidade queer, que explode de vez a cronologia cinematográfica que encadeia descoberta da sexualidade, negação, saída do armário, rejeição, encontro do amor e aceitação”. (SARMET; BALTAR. 2016. p. 56).

Os temas *Queer*, principalmente no que tange à sexualidade, são constantemente abordados pelos *Talk* e *Reality Show* separadamente, ou produções que integram os dois gêneros. O *Talk/Reality Show Amor e Sexo*, transmitido pela Rede Globo desde 2009, apresentado por Fernanda Lima, além de trazer temas tabus sobre relações sexuais aborda a diversidade entre as sexualidades e os gêneros.

A cada episódio do programa que integra a comunidade LGBTQ+ como personagem, busca trazer questões que debatem, principalmente, a LGBTfobia, assim como afirma Nascimento (et al, 2017), “Em 2017, a rede Globo viabilizou a décima temporada do programa “Amor & Sexo” e exibiu, em horário nobre, uma série de programas dedicados exclusivamente a temas como feminismo, machismo e LGBTfobia.”.

Mais especificamente no gênero *Reality Show*, a série estadunidense *RuPaul’s Drag Race* é transmitida pela LogoTv desde 2009 e apresentada pela *drag queen* RuPaul Andre Charles. A dinâmica consiste em competições e desafios de participantes *drag queens* que vão dificultando a permanência no programa. As habilidades avaliadas, segundo Santos (2015), são: criação, produção, desfile, *lip sync*³ e a montagem do personagem *drag*.

Além dos desafios, o programa explora a relação entre os participantes e o contexto social, levando a público as dificuldades, preconceitos e a aceitação familiar

Daems menciona que a aproximação com outros formatos de atrações televisiva explora potencialidades narrativas que humanizam a *drag queen* para além da abordagem exótica, revelando suas emoções, vulnerabilidades e intimidades, e desse modo trazendo a sua referência para outros contextos além das comunidades LGBT. (SANTOS, J. F. 2015. p. 7)

³ Técnica que sincroniza os movimentos labiais com a voz.

enfrentada em decorrência das manifestações do gênero e a construção da sexualidade, principalmente por se tratarem de pessoas, a maioria, homossexuais.

4. BISSEXUALIDADE

O estudo da bissexualidade aqui explicitado parte da perspectiva epistemológica que muito se assemelha aos conceitos de gênero e sexualidade propostos pela Teoria *Queer*. Segundo Lewis (2012), assim como a Teoria *Queer*, a epistemologia vai basear suas argumentações na desconstrução binária das sexualidades e das identidades de gênero. Entretanto, o campo epistemológico vai ter como “ponto de partida” o conceito de bissexualidade como total ruptura dos esquemas binários de gênero: feminino/masculino; de sexo: homem/mulher; e de sexualidade: homossexual/heterossexual, ao contrário do *Queer*, que fundamenta os seus estudos numa abordagem generalizada das sexualidades e gêneros não-heteronormativos.

Segundo Garber (1995), a bissexualidade, apesar de ser um construto que marca o rompimento das binaridades da sexualidade não pode ser restrito a este conceito, pois trata-se de uma sexualidade que tem por base a fluidez na noção do desejo e que não está exclusivamente centrada no homem e na mulher, tampouco na feminilidade e na masculinidade. “The multiple, shifting meanings of ‘bisexuality’ are precisely the point: bisexuality for Garber signifies elusiveness and flux— and, as such, signifies the nature of eroticism itself.” (Garber, 1995 apud STORR, 1999. p. 138)

Dessa maneira, o indivíduo bissexual não é aquele que sente desejo sexual e afetivo por mulheres e homens, mas aquele indivíduo que sente desejo pelos diferentes gêneros, podendo ser eles normativos - como a feminilidade e a masculinidade - e não-normativos como - transsexualidade, genderqueer e etc. Assim como afirma Lewis:

Adicionalmente podemos pensar a bissexualidade em termos de preferir realizar certos atos sexuais (por exemplo, realizar prática BDSM sem que importe o sexo/gêneros do/a(s) parceiro/a(s), gostar de certos tipos de corpos ou estilizações corporais (por exemplo, sentir atração para pessoas mais velhas, pessoas altas, pessoas gordas, metaleiros/as, etc. além do sexo/gênero da pessoa), gostar de performances de gênero não-normativas (por exemplo, transexuais, travestis, transgêneros, *genderqueer*, etc.), e assim por diante. (LEWIS, 2012. p. 66)

Sob o entendimento da pesquisa epistemológica de Garber, a bissexualidade não é uma identidade, porém tem, o que ela denomina de “afinidades”, com as

diferentes performances de gêneros e sexualidades como: a homossexualidade feminina e masculina e a heterossexualidade, porém, diferentemente dessas categorizações sexuais, a bissexualidade não se limita a esses objetos de desejo, “can produce ‘radical discontinuities between an individual’s sex acts and affectional choices(...)”. (GARBER, 2013. p 83).

Amanda Udis-Kessler em *Notes on the Kinsey Scale and the Other Measures of Sexuality* (1992) propõe uma análise da escala Kinsey, que define quantitativamente e qualitativamente conceitos referentes ao sujeito bissexual, homossexual e heterossexual. Segundo Udis-Kessler (1992, **n.p.**), inúmeras pesquisas sobre a sexualidade citam a escala Kinsey como uma ferramenta de “medição da sexualidade”. A autora afirma que Alfred Kinsey havia passado por um curso de preparação para lecionar sexualidade humana. Encontrando dificuldades bibliográficas e de pesquisa neste campo de estudo, ele desenvolveu um questionário que foi respondido por mais de dez mil pessoas. O resultado da pesquisa é de que:

Um terço dos homens que ele pesquisou tinham ou tiveram encontros homossexuais com o orgasmo como adultos, e que quarenta e seis por cento dos homens pesquisados não eram exclusivamente homossexuais nem heterossexual. Embora a grande quantidade de homossexualidade tenha relatado foi inteiramente inesperado, a faixa sexual foi pelo menos tão surpreendente que levou o Kinsey a elaborar uma escala para dar sentido aos seus dados. (Udis-Kessler 1992 apud STORR, 1999. p. 50)

O problema explicitado por Udis-Kessler sobre a análise de dados e o gráfico da escala Kinsey é que, em se tratando de uma esquematização unidimensional, sugere que a bissexualidade é uma construção de heterossexualidade e homossexualidade, ou seja, a inexistência de uma bissexualidade.

Ou seja, usando um exemplo oferecido por Barnard (2004), se identificar como uma lésbica chicana pode ser uma performance identitária em si, em vez de uma combinação de uma performance identitária de lésbica e uma performance identitária de chicana. Este exemplo é útil para pensar a bissexualidade e o problema de problematizá-la como uma “combinação” de heterossexualidade e homossexualidade - identificar-se como bissexual é uma performance identitária em si, em vez da combinação de uma performance identitária heterossexual e uma performance identitária homossexual. (Udis-Kessler 1992 apud STORR, 1999. p. 52)

Udis-Kessler (1992, apud STORR, 1999. p. 52) afirma ainda que a escala de Kinsey é reconhecida pelos grupos políticos de militância gay e lésbica, “trends in

lesbian and gay communities, in which the Kinsey scale has been especially valued”. Baseados nisso, discursos excludentes por parte desses grupos são evidentemente reforçados, já que a bissexualidade não se integra nas concepções homossexuais tampouco heterossexuais na relação binária da sexualidade, “as performances identitárias bissexuais provocam uma crise de significação nesse binário excludente heterossexual/homossexual, resultando na bifobia”. (LEWIS, 2012. n. p. apud Udis-Kessler 1991).

A bissexualidade como sendo um fator que transcende o binarismo da heterossexualidade e da homossexualidade reforça o que Lewis (2012) denomina de “Matriz homonormativa” “que exige que as pessoas expressem desejo sexual e afetividade por pessoas do mesmo sexo/gênero e marginaliza as que não se encaixam nesse perfil”. (LEWIS, 2012. n.p).

Lewis (2012) em uma pesquisa científica apresentada no III Simpósio Nacional, Discurso, Identidade e Sociedade (III SIDIS), realiza uma pesquisa de campo de 22 meses no coletivo ativista LGBT, Grupo Arco-Íris (GAI) do Rio de Janeiro.

Na análise, é examinado 1) como as pessoas que se identificam como bissexuais lidam com os problemas de preconceitos e não-aceitação na construção discursivo-interativo-performativa de suas identidades e 2) como formas da diversidade sexual são performadas e/ou excluídas. (LEWIS, 2012. n.p.)

A pesquisa de Lewis é fundamentada sob o aspecto inserido na exclusão a sexualidade não-binária do bissexual e visa responder questionamentos sobre a maneira como isso é considerado uma ameaça a identidade homossexual de grupos de militância LGBTQ+, especificamente se tratando do Grupo Arco-íris.

Em resposta ao seu objeto de análise, Lewis descreve que há muita recusa em reconhecer a performatividade bissexual no grupo ativista, “Por exemplo, um jovem que se identifica como gay mencionou sentir atração de vez em quando por mulheres durante um encontro no GAI e várias pessoas o criticaram por ter expressado um desejo “não exclusivamente homossexual”. ” (LEWIS, 2012. n.p.). Além do mais, Lewis (2012) destaca que, estes e outros depoimentos corroboram para uma visão normativa binária do grupo de militância, que desconsidera qualquer classificação performativa que não se encaixe na esquematização das sexualidades heterossexuais/homossexuais.

5. ESTEREÓTIPOS

O conceito de estereótipo, sob o viés da antropologia, tem seus primeiros estudos fundamentados na obra *Intimidade Cultural: Poética Social no Estado-Nação* (1997) do antropólogo Michael Herzfeld. É importante salientar que, para o ponto de vista da antropologia e, conseqüentemente de Herzfeld, o conceito de identidade é primordial para o estudo dos estereótipos: «L'identité relève de représentations de soi et de l'Autre, d'un « nous » et des « autres ». Le stéréotype étant une représentation partagée, il participe à la construction identitaire, de soi et de sa communauté, du groupe par rapport à l'Autre» . (Boëtsch; Villain-Gandossi. 2001. n.p.)

O estereótipo é constituído a partir da necessidade de um grupo em conceituar e dar sentido a outros grupos sociais. Essa significação, por consequência, será a construção de uma identidade representativa de si e do outro. As análises antropológicas sobre a construção dos estereótipos partem do pressuposto de que a globalização seja um fenômeno de união desenfreada de diferentes culturas, e que dessa união surgem “as noções preconcebidas sobre si mesmo e o outro...” (Herzfeld, 1992 apud Boëtsch, et al. 2001. n.p.). “Le rapport étroit et souvent conflictuel entre « nous » et l'« Autre » soustendu par le stéréotype, disions-nous, aurait dû faire de cette notion un objet anthropologique par excellence”(BOËTSCH. ET AL. 2001. n.p.).

Por sua vez, Tajfel (apudBoëtsch, 2001) define a construção da identidade coletiva através do conceito de discriminação. Segundo o autor, a discriminação advém da “hipervalorização” do “nós” e, conseqüentemente, a desvalorização do “outro”. Boëtsch (et al. 2001.n.p.) compartilha da mesma teoria quando afirma que a “identidade coletiva” é desenvolvida através dos estereótipos que um grupo cria sobre a imagem de outro grupo “que facilitaria a criação de doutrinação da imagem de nós”.

Para Emanuel Pereira (2008, p. 284), os indivíduos procuram manter intactos os conhecimentos e a imagem preconcebida de grupos diferentes, excluindo qualquer informação distinta que possa influir na perspectiva do outro. Essa visão antropológica se assemelha à concepção da psicologia social na dinâmica da construção de estereótipos. Ainda sob o ponto de vista de Emanuel Pereira (2008, p.

284), a psicologia determina que, nas interações sociais, o indivíduo processa informações com “apenas os resíduos dos recursos cognitivos” e, conseqüentemente, esse processo estabelece uma barreira incoerente entre o que é percebido e “as categorias previamente armazenadas na memória”.

As imagens e conceitos estereotipados são, muitas vezes, atribuídos por um sentimento de familiaridade e são evidenciados apenas os elementos comuns, desprezando aqueles que são vistos como incomuns. Numa observação casual, pegamos sinais reconhecíveis do ambiente. Os sinais estão no lugar das ideias, e estas ideias preencherão nosso repertório de imagens. (LIPPMAN, Walter. *A Opinião Pública*, 1922. p. 88). Em contrapartida a essa conceituação de Lippman, a “teoria da ausência de correspondência” (PEREIRA, 2008. p. 285) determina que as informações captadas e que darão origem aos estereótipos, não vão surgir através da relação de proximidade, pelo contrário, surgirão pela divergência.

A psicologia cognitiva vai dividir as representações dos grupos na esfera social em abstratos e exemplares. Para os abstratos, define-se o objeto através de suas representações típicas, por meio das experiências entre pessoas do mesmo grupo ou pessoas de outros grupos. Para os exemplares, a imagem que se tem de cada indivíduo pertencente a outro grupo social é armazenada na memória. “Muitos psicólogos sustentam que, após a formação dos estereótipos, uma representação abstrata dos mesmos é armazenada na memória em um local diferente daquele destinado à armazenagem dos exemplares que lhes deram origem” (PEREIRA, et al. 2002. n.p.)

Na perspectiva de Fiske (2000, n.p.), o indivíduo em interação social percebe mais rapidamente outros indivíduos que são membros dos grupos de pertença. Além do mais, as pessoas respondem mais positivamente aos membros do mesmo grupo do que agem contra e negativamente a membros de outros grupos.

People respond more positively to ingroup members and they do so more rapidly than to outgroup members (for a review, see Dovidio and Gaertner, 1993; Fiske, 1998); negative responses show small and less reliable speed differences; Thus, as in other research (Brewer, 1979; Yzerbyt, Castano, Leyens, and Paladino, 2000), ingroup advantage precedes outgroup disadvantage. (FISKE, 2000, n.p.)

Outro exemplo das percepções automáticas fundamentadas por Fiske (2000, n.p.) afirma que grupos sociais também podem ser rapidamente identificados por classificações marcantes denominadas: “classificação automática”,

That is, women have gender, and blacks have race more than men and whites respectively do (Eberhardt and Fiske, 1994; Zarate and Sandoval, 1995). Black men are categorized as black, not male, and white women are categorized as women, not white (Zarate, Bonilla, and Luevano, 1995; Zarate and Smith, 1990). (FISKE, 2000. n.p.)

De acordo com Amossy e Pierrot (2001, **n.p.**), no âmbito das ciências sociais, Walter Lippman afirma que essas categorizações se dão a partir das imagens construídas pelos sujeitos ou grupos que atribuem características a outros grupos. Essas imagens, segundo as autoras, já estão preexistentes na memória dos sujeitos, “En efecto, la imagen que nos hacemos de los otros pasa por categorías a las que los vinculamos” (AMOSSY; PIERROT, 2001. n.p.).

Ainda segundo Amossy e Pierrot (2001. **n.p.**), os autores Katz e Braly (1933) são relevantes para os estudos sobre estereótipos sob a perspectiva das ciências sociais, a partir do desenvolvimento de suas pesquisas sobre a identificação de grupos sociais através da observação imagética de suas características. O artigo dos autores busca obter respostas sobre a maneira como determinados grupos são caracterizados por outros grupos por meio de adjetivos que revelam categorias. Como por exemplo, ainda sob análise de Amossy e Pierrot (2001. **n.p.**), de acordo com o resultado da pesquisa de Katz e Braly (1933), a imagem do negro está mais atribuída a superstição e ignorância, obtendo respectivamente 84 e 38 respostas, enquanto a imagem do alemão configura-se em espírito científico e trabalhador, concluindo respectivamente 78 e 65 respostas.

Cândida Leite (2010, n.p.), por sua vez, vai categorizar os estereótipos sociais, a partir da esquematização de Hewston e Giles (1997):

(i) outros indivíduos são categorizados, baseado, geralmente, em características facilmente identificáveis, tais como sexo, etnicidade, estilo de fala; (ii) um conjunto de características, papéis, emoções, habilidades, interesses etc. é concedido a todos (ou quase) os membros dessa categoria; (iii) os indivíduos que pertencem ao grupo estereotipado são considerados similares uns aos outros e diferentes de outros grupos, quanto a esse conjunto de atributos. (LEITE, 2010. n.p.)

Já as produções dos *mass media* carregam consigo construções simbólicas que, posteriormente, se tornam identidades. Esses conceitos, segundo Adriane Roso (et. al. s.d. p. 80), estabelecem relações hierárquicas a partir do momento que

a composição da produção midiática viabiliza os interesses da maioria em detrimento da exclusão da minoria.

Palavras, imagens, mensagens, ou qualquer outra forma simbólica seriam inofensivas se não carregassem ideologia consigo, se não estivessem promovendo interesses de grupos de pessoas que, consciente ou inconscientemente, discriminam aqueles/as que são minorias. (ROSO, et al. s.d. p. 80)

dessa maneira, os *mass media* estabelecem uma relação entre identidade e o conceito de ideologia. Enquanto a identidade se concentra na construção de conteúdo, a ideologia atenta ao significado deste conteúdo. Essa atribuição de sentido no âmbito da ideologia é, segundo Adriana Roso (et al. s.d.), subjetiva e vai depender do contexto, da perspectiva e da assimilação do indivíduo a situações vividas por ele: “Essas pessoas veem as mensagens dos meios com graus diferenciados de concentração, interpretam-nas ativamente e dão-lhes sentido subjetivo, relacionando-as a outros aspectos de suas vidas.” (THOMPSON, 2000. p. 288)

Os meios de comunicação de massa são artifícios que garantem a representação imagética da identidade e a construção ideológica sobre representações sociais. “A mídia, em especial a televisão, se tornou parâmetro do acesso à existência social e política de fatos e pessoas.” (DA SILVA, J.C. et al. 2013. p. 2).

Da Silva traz, em sua análise sobre o programa Casos de Família, a presença do tema: gravidez na adolescência, como representação identitária e ideológica que não fogem da construção estereotipada desta categoria.

O programa analisado por Da Silva (et al, 2013) foi transmitido em 16 de agosto de 2010 e, são explicitados conceitos e elementos presentes no discurso da âncora Christina Rocha. Dentre inúmeras análises, destaca-se o conceito de sexualidade. Segundo Da Silva (et al, 2013, p. 3), Christina Rocha define o sexo como “danado” no discurso do primeiro caso apresentado no programa, “É, mas também experimentou o danado, gostou, né”

Ao referir-se ao sexo, ou a sexualidade enquanto “danação” o deboche produzido pela apresentadora faz referência a discursos religiosos, que tomam o sexo a partir do registro da culpa e do pecado. Nessas formações discursivas, a “danação” nos remete a algo que foi condenado ao inferno, algo pervertido. (DA SILVA, et al. 2013. p. 3)

neste caso, a imagem da grávida adolescente se traduz na ideologia do sexo proibido. A presença da identidade da gravidez na adolescência, somada à ideologia mencionada, constrói o discurso da âncora.

Segundo Walter Lippman (1992), essa percepção subjetiva presente no conceito de ideologia será formulada a partir das preconcepções que os indivíduos têm sobre determinados grupos ou ações no meio social, “Imaginamos a maior parte das coisas antes de as experimentarmos”. Nessa dinâmica de percepção, Lippman (1992, p. 92) afirma que os processamentos de elementos facilmente reconhecíveis tomam uma grande proporção de proximidade, enquanto os irreconhecíveis se tornam ainda mais distantes do campo de vinculação, “(...) o levemente familiar é visto como muito familiar, e o de alguma forma estranho como profundamente alienígena”.

Apesar de a ideologia propôr uma relação de proximidade entre espectador e os meios de comunicação de massa, estes últimos exploram uma relação interativa intercultural abordando elementos identitários como a diversidade e o reconhecimento do outro:

Os meios técnicos podem possibilitar às pessoas interagir umas com as outras através de distâncias temporais e espaciais, embora a natureza da interação mediada possa diferir significativamente dos tipos de interação que são típicos de situações face a face. (THOMPSON, 2000. n.p.)

Marcos Emanuel Pereira (2008) propõe uma análise de que o estereótipo é a junção de uma imagem prototípica a um significado. Ainda segundo o autor, o estereótipo passa a existir a partir do momento que adquire sentido ou, o que ele mesmo denomina de: “crenças”,

Nesse sentido uma representação deixa de ser prototípica e se torna estereotípica ao contar uma história, ao se associar a uma teoria capaz de identificar alguma relação entre as imagens prototípicas e os atributos predicados à categoria social à qual a crença estereotipada refere-se. (PEREIRA, 2008. n.p.)

Pereira (2008) também formula que essas crenças se tornam estereótipos a partir do momento que são compartilhadas por um grande número de pessoas. Na relação entre estereótipos e meios de comunicação de massa, a audiência é o que representa este “grande número de pessoas”.

Para ilustrar as características da imagem estereotipada de determinados grupos e a relação intercultural presente nos meios de comunicação de massa, Maria Celeste Mira (1994, p. 36) relembra um clássico polêmico na televisão brasileira. Em 29 de agosto de 1971, o programa do Chacrinha, apresentado por José Abelardo Barbosa na rede Globo de televisão, viria a ser alvo de denúncias e críticas do Conselho de bispos do Brasil - CNBB e da Polícia Federal. O motivo foi a presença de Dona Cacilda, mãe-de-santo da Umbanda, no palco do programa. As características grotescas do programa do Chacrinha trouxeram na imagem de Dona Cacilda elementos estereotipados e de fácil identificação simbólica dos pertencentes à Umbanda, “vestida de preto e vermelho e fumando um charuto, Dona Cacilda faz entrar no palco da emissora os ex-cegos, aleijados e cancerosos que havia curado.” (MIRA, M.C. 1994, p. 36). Dona Cacilda, no palco, recebe o exu “Seu Sete de Lira”. O ponto ápice da aparição no programa está centrada além dele: nas notícias que sucederam a transmissão.

O jornal extinto e sensacionalista *Notícias Populares*, noticiou que duas mortes no Rio de Janeiro foram registradas em decorrência da aparição de Dona Cacilda no programa do Chacrinha,

É o caso de um babalaô de São Gonçalo que, segundo a reportagem de 1º de setembro, estava em sua casa ‘mas concentrou-se para dar força ao Exu’ com o auxílio de filhos de santo. Um deles, porém, abandonou a sala e logo depois ouviu-se um tiro. O rapaz, que parecia em transe, tinha se suicidado. De acordo com o jornal, na mesma hora em que o suicídio ocorria, em outra parte do Rio dois vizinhos iniciavam uma violenta briga depois de debaterem se Seu Sete da Lira era um exu masculino ou feminino. Um deles entrou em casa, voltou armado e disparou várias vezes contra o outro, que foi internado em estado grave. Disponível em: <<http://f5.folha.uol.com.br/saiunonp/2014/09/1513336-exu-provoca-mortes-e-compra-briga-com-a-imprensa.shtml>>. Acesso em: 22. Out. 2017.

vale ressaltar que em nenhum dos dois casos foi comprovada a veracidade. Mira cita ainda a fala do secretário da CNBB que ilustra a presença de equívocos na representação performática e imagética da mãe-de-santo Umbanda: “inclinação à transcendência do povo brasileiro”, e completa: “indivíduos sem escrúpulos, em atividades pseudo-religiosas” (MIRA, M.C. 1994, p. 36).

6. TELEVISÃO

Os registros históricos apontam que a televisão chegou ao Brasil em 18 de setembro de 1950 e teve seu primeiro experimento em transmissão na cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais, em comemoração ao centenário do município (ALENCAR 2007, apud GARCIA. s.d. p. 1). Ao contrário da televisão norte-americana, que se baseava no cinema como dinâmica de produção, a tevê brasileira utilizava dos recursos de produção do rádio,

Uma forte característica do início da televisão foi o seu aspecto radiofônico com imagens. A imensa maioria dos primeiros profissionais da televisão eram aqueles que trabalhavam no rádio. Essa importação dos profissionais do rádio influenciou, inclusive, na programação da televisão, havendo uma adaptação dos programas radiofônicos para serem exibidos visualmente. (LEAL. s.d. n.p.)

A primeira transmissão, não mais sendo de caráter experimental, foi realizada em São Paulo através da emissora TV Tupi-Difusora do conglomerado Diários Associados, do empresário Assis Chateaubriand:

O empresário e jornalista Assis Chateaubriand tinha em posse no ano da sua fundação 5 emissoras de rádio, 12 jornais diários e uma revista. O conglomerado duraria cerca de 40 anos, mas chega em seu auge em 1958 possuindo 36 emissoras de rádio, 34 jornais diários, 18 emissoras de televisão e várias revistas, entre elas O Cruzeiro (JAMBEIRO, 2002. apud LEAL. s.d. p. 4).

O desenvolvimento do *videotape* (VT) simboliza o rompimento das produções de rádio interligada às da televisão. Neste momento, a televisão passa a ter a sua própria linguagem. Segundo Garcia (s.d. p. 4), o *videotape* possibilita a periodicidade dos programas de televisão, em especial, as telenovelas, “e também viabilizou a criação de uma estratégia de programação horizontal.”.

Segundo Mattos (1990), as sedes das empresas de televisão localizavam-se nos grandes centros urbanos, principalmente em São Paulo e no Rio de Janeiro. A consequência dessa centralização nas grandes cidades influi para uma programação voltada ao contexto urbano,

(..) todas as 183 emissoras hoje em funcionamento estão sediadas em áreas urbanas, suas programações são dirigidas às populações urbanas, são orientadas para o lucro (com exceção das estações estatais) e funcionam sob o controle direto e indireto da legislação oficial existente para o setor. (MATTOS, 1990. n.p.)

Atualmente, embora este contexto ainda exista, boa parte da população brasileira possui aparelhos de televisão em suas residências. Segundo dados apresentados pelo site oficial da Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão - ABERT, pesquisa realizada pelo IBGE em 2014 anuncia que, de 67 milhões de domicílios em todo o Brasil, 65,1 milhões possuem, pelo menos, um aparelho de televisão. Este número corresponde a 97,1% de casas brasileiras.

6.1. PROGRAMAS DE AUDITÓRIO

Os programas de auditório no Brasil foram desenvolvidos, primeiramente, através do rádio. Segundo Torres (s.d. p. 12), o formato foi importado dos Estados Unidos e propunha a participação ativa da audiência popular, que passava a conhecer os estúdios onde são produzidos os programas de rádio

Tinhorão (1981) conta que na virada da década de 1920 para a de 1930, passou a ocorrer uma mudança de conteúdo na “programação”, que, até então, estava mais voltada para uma difusão cultural-elitista, que foi aquela idealizada pelo incentivador pioneiro desse meio de comunicação, o antropólogo e educador Roquette-Pinto. O motivo da mudança de orientação na programação é atribuído a uma vocação quase natural do meio para se voltar para um público mais popular, que acabaria por se identificar com o meio de comunicação. (TORRES, C. L. C. L, s.d. p 12)

Este formato passou a explorar dinâmicas que prendessem a audiência tanto do público presencial quanto do público a distância. Artistas famosos compunham o cenário dos primeiros programas de auditório radiofônicos, que revelaram grandes nomes de apresentadores no Brasil, como por exemplo, Ary Barroso e César de Alencar. A temática dos programas trouxe elementos como: competição, caça-talento e abordagem de temas cotidianos que, mais tarde, com a televisão foram se adaptando.

O primeiro programa de auditório a conquistar grandes pontos na audiência televisiva, segundo Maria Celeste Mira (s.d), é *O Céu é o Limite* que surge em 1956 na TV Tupi, tendo como apresentador Aurélio Campos. Tratava-se de uma competição de perguntas e respostas sobre diversos temas. O participante que acertasse mais respostas, ganharia uma variedade de prêmios.

O programa *O Céu é o Limite* pode ser considerado um marco não apenas para o gênero Programas de Auditório, mas também por ser o primeiro fenômeno de audiência da televisão brasileira, tendo alcançado 92% de audiência. Veiculado pela Tupi, era levado ao ar simultaneamente em São Paulo (sob o comando de Aurélio Campos) e no Rio de Janeiro (com J. Silvestre). (TORRES, C. L. C. L., s.d. p 13)

O *Cassino do Chacrinha*, *Discoteca do Chacrinha* e *Hora do Chacrinha*, apresentados por José Abelardo Barbosa, foram grandes produtos midiáticos da década de 1950 e perduraram um pouco antes dos programas de auditório perderem a audiência para as telenovelas na década de 1970. Nomes como: Silvio Santos, Flávio Cavalcante e Jota Silvestre foram descobertos pelo novo formato de programa que, até os dias atuais, conquista elevados números de audiência.

Os programas de auditório foram sendo adaptados para a cultura e a linguagem brasileiras e passaram a introduzir outros gêneros televisivos que surgiram nos Estados Unidos e eram incorporados às produções brasileiras. O *Casos de Família*, por exemplo, além de se enquadrar na dinâmica de produção do programa de auditório e ser completamente voltado a audiência popular, também apresenta elementos que o caracterizam como *Reality Show* e *Talk Show*. Outro exemplo é o programa *SuperPop*, apresentado por Luciana Gimenez na Redetv, pois neste há a presença do auditório e de convidados famosos que, em entrevista característica dos programas de *Talk Show*, representam a dinâmica do programa.

6.2. TALK SHOW

O formato de um programa caracterizado como *Talk Show* televisivo consiste em uma conversação entre os convidados e o apresentador/a que seguirá o fluxo do programa de acordo com a linha editorial e o cronograma proposto pela produção nas reuniões de pauta. É comum neste formato de programa a presença constante da platéia. Cada *Talk Show* possui um objetivo e uma expectativa de comportamento dos convidados. Dentre os princípios do *Talk Show*, como evidencia Gomes (2007), estão:

(...) a presença fundamental de um anfitrião (ou grupo de anfitriões) responsável pelo tom e direção, além de estabelecer limites e um ponto-de-vista a conversa. O outro princípio do talk show é a questão da experiência da conversação no tempo presente, e a sensação de intimidade e cotidiano que isso provoca. (GOMES, Elisa da Silva. *Casos de Família: a conjugalidadenas antenas de TV*. 2007. Dissertação - Mestrado em Ciências Sociais - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2007. n.p.)

O Programa do Jô, transmitido diariamente nas madrugadas da Rede Globo de Televisão, apresentado pelo escritor e ator Jô Soares, recebe no máximo três convidados por programa. Os convidados são pessoas famosas que contam suas experiências e expõem sua agenda profissional, ou especialistas que irão tratar de um assunto factual e que tenha gancho jornalístico. Em forma de entrevista, o diálogo segue sempre entre o apresentador e o convidado, mas raramente a plateia interage, geralmente impulsionada por uma pergunta do próprio apresentador direcionada a eles.

Este formato de *talk show* apresentado por Jô Soares pode ser comparado às dinâmicas de alguns programas transmitidos pelos Estados Unidos, onde de fato originam-se os *talk show*. The Ellen Degeneres Show e The Oprah Winfrey Show são os dois programas norte-americanos que mais possuem pontos em comum com o Programa do Jô e, dessa maneira, segue fiel à proposta original do gênero.

O primeiro programa televisivo com características semelhantes aos *talk show* estadunidenses foi o *Globo Gente*, apresentado também por Jô Soares e transmitido pela Rede Globo de Televisão no ano de 1973. A partir da estreia deste programa, um novo gênero televisivo se popularizou no Brasil, não apenas o *talk show*, como também os programas de auditório. Assim como os programas de grande audiência nos Estados Unidos, o *Globo Gente* era transmitido na grade de programação noturna da Rede Globo e contava com a participação de especialistas e celebridades brasileiras e internacionais.

6.3. MUDANÇA DE FORMATO

Outras maneiras de se produzir um *Talk Show* foram integradas à programação da televisão brasileira, com participação popular, apresentação de temas conflituosos, divergências de opinião constantes e a exposição da vida privada, também denominada *Reality Show*.

O programa *O Homem do Sapato Branco* foi transmitido na grade noturna da Rede Globo no ano de 1968 e cancelado sete meses depois. Apresentado por Jacinto Figueira Junior, o programa levantava os conflitos domésticos das famílias

brasileiras caracterizado pelo “show de horror”, o sensacionalismo, a baixeza no discurso dos personagens e as discussões desenfreadas incluindo agressões verbais. Todos os episódios transmitidos baseavam-se na figura do apresentador como “falso apaziguador” das relações conflituosas presentes no íntimo das famílias entrevistadas.

O chocante e o bizarro são dois elementos notáveis na caracterização do âncora e do cenário do programa. *O Homem do Sapato Branco*, segundo a análise do autor João Freire Filho, não passa de uma “galeria de hermafroditas e marginais” (2001).

A participação popular e a valorização do grotesco herdada pelo *O Homem do Sapato Branco* é representada pelo programa Casos de Família, apresentado pela jornalista Christina Rocha e que integra a programação vespertina de segunda a sexta-feira da emissora Sistema Brasileiro de Televisão SBT, desde maio de 2004.

O *Talk Show* possui características diferentes se comparado aos programas transmitidos no país precursor do gênero, os Estados Unidos e, conseqüentemente, ao Programa do Jô e ao *Globo Gente*, pela Rede Globo. A espetacularização, o reforço de estereótipos, o deboche, o humor exacerbado e, por vezes, de mau gosto e ofensivo, a participação constante do auditório, os convidados formados por pessoas desconhecidas e de classe social baixa, um tema específico por programa, aridicularização e o sensacionalismo por parte da apresentadora são alguns dos pontos adaptados - do formato de *Talk Show* original - pela emissora.

6.4. REALITY SHOW

A popularidade atrelada à alta audiência desses programas pode facilmente ser atribuída à interação direta do público, devido ao grande apelo emocional evidenciado. A desvalorização da intimidade dos problemas familiares é o aspecto que mais instiga a curiosidade do telespectador, podendo ser facilmente atribuída ao envolvimento do público nos mesmos problemas sociais apresentados pelo programa.

Os convidados presentes no palco, antes de serem componentes do programa, eram telespectadores que se relacionavam com os temas propostos através do sentimento de empatia atribuído ao discurso da âncora, dos convidados, da plateia e, por vezes, da especialista.

O auditório também é parte integrante do programa, pois expõe questionamento, julga e, em alguns casos, aconselha os participantes. “O público parece sempre ter sido um elemento fundamental para o sucesso desses programas, pois os âncoras procuravam envolver os telespectadores, a ponto de estes se identificarem com eles [...]” (FURTADO, 2006, p 38). Dessa maneira, a forma de se apresentar um *Talk Show* foi se moldando a fim de abrir um espaço de interação envolvente com o público e diminuir as fronteiras de pertencimento. Todas essas características dão fundamento ao formato dos *Reality Shows*,

Esse gênero televisivo surgiu na Europa, no final dos anos 60, nos canais públicos da Alemanha, Inglaterra e França, desembarcando nos EUA nos anos 70 com a estréia de *An American Family* (1973). A proposta do programa era a de apresentar o cotidiano de uma família supostamente convencional, cujas estrutura e relações entre os membros seriam espelhos das famílias americanas. Pode-se argumentar, assim, que as representações de família estiveram presentes desde o início da construção deste formato televisivo. (GOMES, Elisa da Silva. *Casos de Família: a conjugalidade nas antenas da TV*. 2007. Dissertação - Mestrado em Ciências Sociais – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2007.n.p).

Os *Reality Shows* são programas que têm como objetivo transmitir aquilo que antes era restrito à vida privada. Neste formato, o público torna-se protagonista dos embates da sua própria vida, que é exposta nos meios de comunicação de massa. Na busca de tratar os conteúdos com a maior veracidade possível, esses programas evidenciam a simulação como um dos pontos chave para retratar a realidade que será veiculada. Dentre os programas que simulam comportamentos e ações cotidianas estão, segundo Rocha (2009), as produções:

Linha Direta (TV Globo), que reconstitui crimes que ocorreram na vida real; Pânico na TV (Rede TV!), ao criar performances que intervêm em acontecimentos reais; Casos de Família (Sbt), talkshow com pessoas anônimas que simula a terapia em grupo; (ROCHA, Debora Cristine. *Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação E-compós*, Brasília, v.12, n.3, set. /dez. 2009. n.p).

As barreiras do que é ficcional e o que é real são combatidas, mas isso não significa que as representações são fiéis ao cotidiano de quem se submete a participar destes programas. “Uma versão que traduz a vida cotidiana como espetáculo e expõe a vida privada de anônimos em público” (ROCHA 2009, p. 4). Toda a dinâmica do processo dos *Reality Shows* está embasada na transmissão do grotesco, daquilo que pode ser espetacularizado e a maneira como esses elementos são tratados. Os *mass media* vão selecionar, a partir da coleta de informações dos participantes, aquilo que pode causar desordem, alvoroço e discussões. Ainda segundo Rocha (2009), o público não se interessa pela repetição e a normalidade do cotidiano. Pelo contrário, se interessa pelos fatos que são “escondidos” e que pertencem à intimidade das pessoas.

A apelação ao drama está internalizada nos programas e telenovelas do SBT como sendo um ideal construído pela emissora e que proporciona a alta audiência da programação. As novelas mexicanas, muito populares na emissora, transmitem um formato semelhante ao analisado pelo Programa Casos de Família, no que concerne os conflitos familiares e às situações de lamúria, agressividade, histeria e sentimentalismos forçados, presentes constantemente na teledramaturgia.

7. PROGRAMA CASOS DE FAMÍLIA

A primeira transmissão do programa Casos de Família foi feita em 18 de maio de 2004 pela emissora Sistema Brasileiro de Televisão (SBT). A princípio, o programa era apresentado pela jornalista Regina Volpato. O formato original do Casos de Família foi comprado por uma emissora de televisão peruana que transmite o programa *Monica*. A produção deste programa foi readaptada pelo SBT no Casos de Família.

A cada edição do programa, casos diferentes são debatidos e se encaixam no tema proposto pelo episódio. A apresentadora Regina Volpato apresentava o tema ao público, entrevistava os participantes e intermediava a relação entre o auditório e os convidados. A vinheta do programa vem logo depois da descrição do tema com Regina Volpato já em estúdio e já com a presença da platéia. A vinheta mostra a apresentadora de vários ângulos e com diversos figurinos, uns mais casuais e outros mais formais, simulando o cotidiano da apresentadora.

No mínimo dois e no máximo quatro casos são apresentados em cada edição, cada um deles composto por três pessoas e a relação entre elas, a âncora e o/a especialista assemelham-se à dinâmica de um tribunal de justiça: a apresentadora tem o papel de juíza, a vítima representa o familiar do convidado principal, este é o réu, e, eventualmente a presença de uma testemunha que pode ter sido convidada pela vítima ou pelo réu.

A dinâmica de entrevistas inicia-se com um dos familiares do convidado principal, que ainda não está presente no estúdio e que vai demonstrar alguma insatisfação por algo que este último faz. A entrevista com o familiar tem duração de aproximadamente 5 minutos, até a chamada do convidado principal. Regina chama o participante principal explicitando alguma fala dele/a. Dessa maneira, a produção do programa revela uma pré-entrevista que ocorre antes da transmissão do programa. As entrevistas com cada caso duram cerca de 10 minutos.

A participação da plateia no programa é constante. Regina Volpato abre para perguntas e/ou aconselhamentos da platéia, pelo menos, 5 vezes durante o programa. Os convidados têm direito de resposta e a platéia sempre se mobiliza a favor da vítima.

A apresentadora Regina Volpato mantém um tom de voz tranquilo e baixo durante todo o programa, e essa tranquilidade só é rompida pela presença da plateia que, por vezes, vaia, xinga e se manifesta com indignação aos participantes principais. A psicóloga Anahy D'Amico ou, eventualmente, o psicólogo Ildo Rosa, sentado/a junto ao auditório, raramente se pronuncia durante o programa: seu lugar de fala são as considerações finais. A fala dos psicólogos está centrada em resolver os conflitos apresentados pelos casos, como numa análise de comportamento e também de discurso dos participantes.

Essa mesma dinâmica se repete nos dias atuais com a apresentadora Christina Rocha, porém, algumas mudanças significativas são notadas:

- a) logo no início do programa é apresentada uma prévia das entrevistas com os participantes de cada caso e não mais uma apresentação do tema a ser debatido, essa prévia se estende até o fim do programa e reaparece antes das chamadas do comercial;
- b) não há vinhetas;
- c) diminuiu-se a presença da plateia e, em alguns episódios, principalmente o de análise deste estudo, não há manifestação da plateia;
- d) a especialista de todos os episódios diários é a psicóloga Anahy D'Amico;
- e) o último aspecto a ser ressaltado está no comportamento da âncora que, durante a transmissão do programa, fala alto, grita com os participantes na tentativa de acalmá-los, interrompe com facilidade as pessoas que se pronunciam e, eventualmente, oscila entre a personalidade cômica e a mal-humorada, que recai no tratamento dado aos participantes e ao auditório.

8. ANÁLISE DO DISCURSO

O episódio de análise trata-se do tema proposto pelo programa Casos de Família: *Não sou gay, só fico com homens porque é deselegante rejeitar um convite*, transmitido em 12 de outubro de 2016 e recebe dois casos diferentes de bissexuais do sexo masculino. Reiterando que, neste episódio em específico, não houve a participação da plateia durante as entrevistas.

A dinâmica deste episódio é constituída por: 2 blocos para o primeiro caso, e cada bloco possui, respectivamente, 7 e 11 minutos de duração. O segundo caso é separado por três blocos, sendo eles, respectivamente, de 10 e 13 minutos para as entrevistas e de 40 segundos para as considerações finais da especialista.

Neste episódio há a presença do familiar e da testemunha. Nos dois casos, inicialmente, há uma pequena entrevista, comandada pela apresentadora Christina Rocha com o familiar e a testemunha, enquanto o participante principal espera ser chamado nos bastidores.

Os dois casos serão analisados por este estudo e apontados nas falas da âncora Christina Rocha e da especialista Anahy D'Amico, trechos que explicitam estereótipos voltados aos conceitos de bissexualidade que se integram na matriz heteronormativa.

O primeiro caso trata-se de Tadeu, bissexual, e suas irmãs Maria e Odete. Há a presença de uma amiga de Tadeu, Sandra, que está sentada junto ao auditório. Após a entrada do participante principal, Christina questiona como iniciou a sua experiência como bissexual e, neste momento, apontamentos que deslegitimam a identidade bissexual são recorrentes:

“Se fosse pra você casar, você preferiria casar com um homem ou com uma mulher?”

“Se fosse um homem que tem uma grana mais ou menos e uma mulher que tem uma grana mais ou menos, com quem você prefere ficar?”

Os dois questionamentos acima representam o que Lewis (2010) denomina de: “crise de significação”. Ou seja, devido ao eixo homossexual/heterossexual

binário das sexualidades onde a bissexualidade, por ser um construto sexual não-binário, é invisível sua conceituação (Lewis 2010). Dessa maneira, Christina Rocha faz perguntas forçando a escolha do convidado entre uma relação heterossexual e uma relação homossexual que, conseqüentemente, caracterizam o não rompimento da esquematização binária: heterossexual/homossexual.

Essa conceituação, para a teoria epistemológica da bissexualidade, é inválida, pois a bissexualidade transcende o desejo sexual binário por pessoas do mesmo sexo/gênero e pessoas de sexo/gênero opostos. Segundo Lewis (2010), os autores epistemológicos concordam que a bissexualidade tem “potencial subversivo e transformativo da (s) bissexualidade (s) para desconstruir e desestabilizar o binário heterossexual/homossexual, a sexualidade definida pelo sexo/gênero do objeto do desejo.” (LEWIS, 2010. p 65).

Ainda segundo Lewis (2010), estes trechos da fala da âncora Christina Rocha representam a bissexualidade como uma sexualidade estável e livre de fluidez: “*you would prefer to marry a man or a woman?*” e “*with whom do you prefer to be?*” Denotam sentido fixo de uma escolha do objeto de desejo que está orientado na decisão entre escolher casar-se com homem ou com uma mulher. Embora a teoria epistemológica da bissexualidade reconheça que há situações em que existe preferência no desejo sexual por determinadas construções de sexo/gênero, a bissexualidade é desenvolvida numa performance identitária livre de uma “construção de sexualidades duradouras, assim abrindo espaço para uma construção identitária discursiva de uma sexualidade mais fluida” (LEWIS, 2010. p 155).

Após a rápida entrevista com os familiares e Tadeu, participante principal, Christina Rocha apresenta o próximo caso. Neste segundo caso estão: Josimar (irmão do convidado principal), Andressa (amiga do convidado principal) e Willian (convidado principal). Direcionando seus questionamentos a Willian, Christina diz:

“Você se sente bem? Se sente culpado? Você se sente... tipo assim... ai meu Deus! Vou ter que decidir se vou ser uma coisa ou outra, ou não, isso não te preocupa?”

“Hoje, se for cem por cento. Quantos por cento você seria por mulher e quantos por cento homem?”

Os dois questionamentos acima retornam à categoria binária que permeia as matrizes heteronormativas juntamente com a bissexualidade voltada para uma conceituação que leva em conta, primordialmente, o objeto de desejo. A teoria epistemológica da bissexualidade considera a identidade performativa bissexual como uma sexualidade que não é conceituada a partir do objeto de desejo do sujeito. Além do mais, a bissexualidade não está centrada no objeto de desejo das construções binárias entre sexo/gênero feminino e masculino, “(...) o desejo sexual e a afetividade não se limitam a essas categorias e, portanto, que as definições atuais das sexualidades são inadequadas.” (LEWIS, 2010. p. 164)

Ao questionar a Willian se ele não se preocupa em decidir *ser uma coisa ou outra*, Christina Rocha reforça o estereótipo presente nas categorias heteronormativas de que o indivíduo bissexual não é unicamente bissexual e sim, heterossexual e homossexual. Segundo Lewis (2010), este é um dos aspectos que ocasionam a exclusão da bissexualidade como sexualidade performativa, pois, revelam que em uma relação “com um/a parceiro/a do “mesmo” sexo/gênero” é configurada como o sujeito bissexual em posição homossexual e, “em uma relação com um/a parceiro/a do sexo/gênero “oposto”” (Lewis 2010) com o sujeito em posição heterossexual. Ainda segundo Lewis (2010), essas esquematizações de sentido à bissexualidade não enxergam que há eixos entre as sexualidades homossexual e heterossexual ou que há eixos além dessas sexualidades.

Ainda em análise do segundo caso de bissexualidade masculina no programa Casos de Família, Christina Rocha estabelece um diálogo com a especialista Anahy D’Amico, que tenta esclarecer o questionamento da âncora sobre qual “lado” (homossexual/heterossexual) o sujeito bissexual manifesta com mais frequência:

Christina Rocha: *Normalmente, doutora Anahy, eu faço essa pergunta. A pessoa que é bi, no caso, o homem, né?! No caso né... no caso dele, sempre é mais o homem, né?!*

Anahy D’Amico: Geralmente, o lado homossexual é mais.

Christina Rocha: *Por que? É... é... por que o bi sempre... é... depende né?! Não tem um que fala assim: “cinquenta por cento”, tem que falar...*

Anahy D'Amico: *É difícil precisar assim, né?! Mas geralmente o lado homossexual é mais forte nos bissexuais.*

Christina Rocha: *O homem... Como é que é?*

Anahy D'Amico: *O lado homossexual é um pouquinho mais forte do que o heterossexual. E tem momentos, né?! Ele está homossexual numa hora, depois ele está hetero outra hora.*

Neste caso, o conceito de bissexualidade fica dividido em um indivíduo que ora é heterossexual e ora homossexual. A fala da especialista: *O lado homossexual é um pouquinho mais forte do que o heterossexual*, denota o sentido de que o sujeito bissexual possui dois lados, o heterossexual e o homossexual. Enquanto na fala da âncora subentende-se que o bissexual opta, mais frequentemente, por se relacionar com homens e que nenhum bissexual, manifesta desejo sexual igualmente pelos dois sexos/gêneros feminino/masculino: *Não tem um que fala assim: "cinquenta por cento"*.

“Isso mostra a dificuldade das pessoas que fazem performances identitárias não-heteronormativas de se expressarem e construírem suas identidades através da linguagem heteronormativa, dentro da matriz heteronormativa.” (LEWIS 2010), para se adequar a este caso, a dificuldade está no discurso de pessoas - âncora e especialista - que não fazem performances identitárias bissexuais, porém, a construção discursiva está voltada ao reforço de estereótipos encontrados nas classificações identitárias de sexualidades não-heteronormativas dentro da matriz binária homossexual/heterossexual.

Este aspecto, segundo Lewis (2010), é uma das maneiras de causar o “apagamento” da bissexualidade, que passa a não ser interpretada como uma sexualidade performativa e única, e sim uma classificação insistente de que o indivíduo bissexual é heterossexual e homossexual,

Desta maneira, opera um processo de adequação invisibilizador - as semelhanças entre as pessoas que se identificam como bissexuais e as que se identificam como heterossexuais ou homossexuais são acrescentadas, dependendo do sexo/gênero do/a parceiro/a da pessoa que se identifica como bissexual, e as diferenças são ignoradas, causando a invisibilização e o apagamento da bissexualidade.

Segundo Elizabeth Däumer (1992) a dificuldade em conceituar a bissexualidade e de entendê-la fora da matriz hetero e homonormativa resulta na identidade refletida no outro, ou seja, nos indivíduos heterossexuais e homossexuais, “ao fazê-lo, a bissexualidade reativa o gênero e o momento desestabilizador da sexualidade”. (p. 160)

Amber Ault (1996), em seu estudo sobre a bissexualidade feminina, afirma que a identidade bissexual, quando presente no discurso binário, está sob posição marginalizada frente às sexualidades - homossexual e heterossexual - hegemônicas, “and to present each social site as a fractal image of the larger binary system” (AULT, 1996. p. 169). Isso significa que, no discurso da especialista Anahy D’Amico, a homossexualidade funciona como sexualidade hegemônica e desempenha o papel de dominadora quando relacionada à bissexualidade como performance marginalizada.

Ao final do programa Casos de Família, Christina Rocha tece algumas observações sobre a temática abordada no programa, antes de finalizá-lo: *“É claro que o ideal seria o que é... a gente ter o príncipe encantado. O príncipe encantado encontrar a princesa encantada é... ficar casado a vida inteira, felizes para sempre.”*

Esta última fala da âncora é atribuída ao discurso heteronormativo, pois trata-se de uma metáfora que simboliza o relacionamento heterossexual como um ideal. É importante reiterar que, na matriz heteronormativa, o objeto sexual é atribuído ao sexo/gênero do indivíduo e à esquematização se constrói em: sexo/gênero feminino - objeto sexual de sexo/gênero masculino. Sexo/gênero masculino - objeto sexual de sexo/gênero feminino.

O objetivo desta última análise não é conceituar a matriz heteronormativa no discurso, pois já fora feita neste estudo. Este espaço será destinado a uma possível desconstrução da teoria *Queer* sob os discursos heteronormativos.

Segundo Lewis (2010) o discurso heteronormativo representa uma “matriz de inteligibilidade” para “as outras pessoas do sistema”. Sendo assim, cada signo que se estabelece fora do que é inteligível ao sistema, não será compreendido por ele.

Segundo Butler, este sistema é punitivo e dentro dele funciona a manifestação de gêneros denominados “discretos” e que correspondem a

normalidade heterossexual, “a construção ‘obriga’ nossa crença em sua necessidade de naturalidade”. (p.178)

Essa “necessidade de naturalidade” afirmada por Butler, corresponde ao que Derrida entende como “referência”. Lewis (2010), aborda que a mudança linguística para ser inteligível ao sistema, precisa, necessariamente, estar disposta de referências que sejam reconhecidas dentro do próprio sistema. Por exemplo, em se tratando do último trecho da fala da apresentadora Christina Rocha, a heterossexualidade citada por ela como relacionamento ideal traz como referencial a relação amorosa entre príncipes e princesas dos contos.

Sendo assim, segundo Lewis (2010), dispendo da matriz heteronormativa como inteligível ao sistema, a única maneira de desconstruí-la e abrir possibilidades a outras performances é utilizando a própria linguagem heteronormativa como referência: “A desconstrução consiste não em passar de um conceito a outro, mas em inverter e em deslocar uma ordem conceitual, bem como a ordem não-conceitual na qual se articula”.

Ainda segundo Lewis (2010), a proposta de desconstrução do sistema heteronormativo não vai derrubá-lo, porém, segundo Butler, através da adequação de outras performances dentro do sistema heteronormativo, conseguirá propor mudanças não-heteronormativas, ainda que seja dentro da mesma matriz. “Os laços entre a matriz heteronormativa e a linguagem são insolúveis: não é possível mudar de repente o significado de uma palavra - tem que ser feito através de uma repetição de mudança.”

9. CONCLUSÃO

O reforço de estereótipos está presente não só no campo da comunicação, mas em toda a esfera social. A maneira como os discursos heteronormativos foram internalizados neste sistema social conclui que não há maneiras de desestruturá-los senão se integrando a eles. A abordagem *Queer* propõe uma análise as construções de gênero/sexo/sexualidade que desconstrói a noção biológica dos corpos anatômicos como detentores do desenvolvimento dos gêneros e, principalmente, da sexualidade, tratada neste estudo.

A bissexualidade como sendo uma sexualidade fluida, livre de binarismos e de identidades estáveis, demonstra uma outra perspectiva nas concepções de desejo, em que o objeto de desejo não a conceitua. Essas concepções são marginalizadas pela insistência no binarismo incapaz de desconstruir discursos e as noções de normalidade imposta por instrumentos sociais, em específico, a televisão.

A análise do discurso de um programa de televisão: o Casos de Família, reflete a maneira como esse discurso é pautado pela âncora Christina Rocha e pela especialista, a psicóloga Anahy D'Amico, numa tentativa de demonstrar na prática, a maneira como o discurso heteronormativo, presente no imaginário social, é refletido no discurso midiático.

O imaginário social, segundo Orlandi (1994), é constituído através das relações sociais presentes no discurso, ou seja, é a imagem que se tem sobre um conceito. O sujeito projeta imagetivamente uma referência atribuída ao sentido da sua posição discursiva. Esse imaginário está na relação interpretativa do sujeito no discurso.

É a partir do imaginário social que o conceito de estereótipos se estabiliza, pois, estereótipo é a maneira na qual sentidos e referências discursivas e imagéticas são atribuídas ao outro e a si mesmo. E, como evidenciado no tópico “estereótipos” deste estudo, essas referências elucidam elementos comuns desprezando o que é incomum. É através da noção de “comum e incomum” que Butler vai propor a solução em integrar o discurso não-binário a matriz heteronormativa.

A matriz heteronormativa é a referência imagética no imaginário social, bem como no conceito de estereótipos que vai desconhecer e deslegitimar qualquer conceituação que não se adeque ao binarismo proposto pela matriz. A proposta de

Butler é usar da referência binária para o possível reconhecimento da bissexualidade no discurso.

REFERÊNCIAS

AMOSSY, R. PIERROT, A. H. **Estereótipos e clichês**, Buenos Aires: Eudeba, 2001.

AULT, A. **Ambiguous Identity in an Unambiguous Sex/Gender Structure: The Case of Bisexual Women**. *University of California Press*, 1996.

BOËTSCH, G; VILLAIN-GANDOSSI, C. **Les stéréotypes dans les relations Nord-Sud: images du physique de l'Autre et qualifications mentales**. Paris: CNRS Editions, 2001.

BRAVO, Juliana. **O Corpo Queer como “Imagem-Mentira” na Telenovela Brasileira**. Revista Latinoamericana de Estudios sobre Cuerpos, Emociones y Sociedad. N°22.Argentina, 2017.

BUTLER, Judith. **Gender Trouble: feminism and the subversion of indentity**. Nova lorque e Londres: Routledge, 1999.

_____. **Bodies that matter: on the discursive limits of “sex”**. Nova lorque e Londres: Routledge, 1993.

CÂNDIDA, M. L. **Estereótipos sociais e suas implicações para os estudos sociolinguísticos**. 2010.

COLLING, L. **Teoria Queer**. Universidade Federal da Bahia, 2012.

DÄUMER, E. D. **Extract from Queer Ethics; or, the Challenge of Bisexuality to Lesbian Ethics**. Hypatia, 1992.

FIDALGO, M. **A Identidade Queer no jornal O Lâmpião da Esquina**. Monografia. Curso de Comunicação Social, Universidade Católica de Brasília. Brasília, DF, 2013

FILHO, J. F. **Tv de qualidade: uma contradição em termos?**Campo Grande MS: Intercom, 2001.

FISKE, S. T. **Stereotyping, prejudice, and discrimination at the seam between the centuries: evolution, culture, mind, and brain**. *European Journal of Social Psychology*, Princeton University, v.30, p. 299-322, 2000.

Folha de S. Paulo. **Exu provoca mortes e compra briga com a imprensa**.Disponível em: <<http://f5.folha.uol.com.br/saiunonp/2014/09/1513336-exu-provoca-mortes-e-compra-briga-com-a-imprensa.shtml>>. Acesso em: 22. Out. 2017.

FURTADO, N.R. **COMUNICAÇÃO E MENTIRA EM “CASOS DE FAMÍLIA”:** Uma abordagem psicanalítica e complexa de um programa de tv.Porto Alegre, 2006.

GARBER, M. **Extracts from Vice Versa: Bisexuality and the Eroticism of Everyday Life**. Nova lorque, 1995.

GARCIA, S. N. **A nossa telinha: a TV brasileira e seu desenvolvimento, do preto e branco ao digital, a partir de políticas públicas e comerciais.** Bauru, SP. 2007.

GOMES, Elisa da Silva. **Casos de Família: a conjugalidade nas antenas da TV.** Dissertação - Mestrado em Ciências Sociais – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2007.

GUACIRA, L. **Gênero, Sexualidade e Educação.** Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A. 2006.

HERZFELD, M. **Cultural Intimacy: SocialPoetics in the Nation-State.** New York/London: Routledge, 1997.

LEAL, P. M. V. **Um olhar histórico na formação e sedimentação da TV no Brasil.** In: VII Encontro Nacional de História da Mídia, Fortaleza, CE. 2009.

LEWIS, E. S. **“Eu quero meu direito como bissexual”:** A marginalização discursiva da diversidade sexual dentro do movimento LGBT e propostas para fomentar a sua aceitação. São Paulo: III Simpósio Nacional Discurso, Identidade e Sociedade (III SIDIS), 2012.

LEWIS, E. S. **“NÃO É UMA FASE”:** CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS EM NARRATIVAS DE ATIVISTAS LGBT QUE SE IDENTIFICAM COMO BISSEXUAIS”. Dissertação - Mestrado - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, Rio de Janeiro, 2012.

LIPPMAN, W. **Opinião Pública.** Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2010.

Mattos, S. **Um Perfil da TV Brasileira: 40 anos de história.** Salvador: A TARDE, 1990.

MENDES, M. L. G. Da Costa; Costa, M. I. L. **O Discurso Midiático e a Construção da Notícia:** relações entre infraestrutura e superestrutura da teoria bakhtiniana. Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Departamento de Comunicação Social, Rio Grande do Norte, s.d.

MIRA, M. C. **Circo eletrônico:** Sílvio Santos e o SBT, São Paulo, SP: Loyola, 1994.

MURARI, L; NAGIME, M. **New Queer Cinema: Segunda Onda.** In: Caixa Cultural, 1, Brasília; Rio de Janeiro; Fortaleza. 2016.

NASCIMENTO, I. F; SANTOS, M. A; RODRIGUES, I. M. **Gênero e Sexualidade:** Uma análise do Programa ‘Amor & Sexo’ exibido em 02 de março de 2017. Fortaleza, CE. 2017

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso:** princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 2007.

PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento.** Campinas: Pontes, 1990.

PEREIRA, M. E. **Psicologia social dos estereótipos.** São Paulo, SP: EPU, 2002.

PEREIRA, M. E; SILVA, J. F. **Ameaça dos estereótipos no desempenho intelectual de estudantes universitários cotistas**. Universidade Federal da Bahia, 2008.

ROCHA, Debora Cristine. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação** E-compós, Brasília, v.12, n.3, set./dez. 2009.

ROSO, A; STREY, M. N; GUARESCHI, P; BUENO, S. M. N. **Cultura e ideologia: a mídia revelando estereótipos raciais de gênero**. Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre.

SALIH, Sara. **Judith Butler e a Teoria Queer**. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora, 2002.

SANTOS, J. F. **Calling All The Queens!** Visibilidades de gênero no programa de TV RuPaul's Drag Race. Mossoró, RN, 2015.

SARMET, Érica; BALTAR, Mariana. **Pedagogias do desejo no cinema queer contemporâneo**. 2016.

SBT Canal Casos de Família. **Casos de Família (12/10/16) - Não sou gay, só fico com homens porque... - Parte 1** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zZsMpKDyWFY&t=213s>>. Acesso em: 8 jun 2017.

SBT Canal Casos de Família. **Casos de Família (12/10/16) - Não sou gay, só fico com homens porque... - Parte 2** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=tHXFUHXIk2Q&t=1s>>. Acesso em: 8 jun 2017.

SBT Canal Casos de Família. **Casos de Família (12/10/16) - Não sou gay, só fico com homens porque... - Parte 3** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=45BUCedQvi41s>>. Acesso em: 8 jun 2017.

SBT Canal Casos de Família. **Casos de Família (12/10/16) - Não sou gay, só fico com homens porque... - Parte 4** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=u1t5ONeZwtQ&t=17s>>. Acesso em: 8 jun 2017.

SILVA, J. C; TFOUNI, L. V. **Televisão e espetáculo: O Talk Show casos de Família**. Revista de Letras, São Paulo, v. 1, p. 103-110, 2013.

SONTAG, Suzan. **“Notas sobre Camp”**. **Contra a interpretação**. Porto Alegre: L & PM, 1997.

STAM, R. **Introdução à Teoria do Cinema**. Campinas, SP: Papius, 2003.

STORR, Merl. **BISEXUALITY: A CRITICAL READER**. Londres e Nova Iorque: Routledge, 1999.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social e crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis: Vozes, 2000.

UDIS-KESSLER, A. **Notes on the Kinsey Scale and Other Measures of Sexuality**. Seattle: Seal Press, 1992.

